

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

EDUARDO COUTINHO PEREIRA DE SOUZA

A UTILIZAÇÃO DA PESSOALIDADE NA REDAÇÃO CIENTÍFICA: UMA  
MUDANÇA DE PARADIGMA DENTRO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

ANÁPOLIS – GO  
2019

EDUARDO COUTINHO PEREIRA DE SOUZA

A UTILIZAÇÃO DA PESSOALIDADE NA REDAÇÃO CIENTÍFICA: UMA  
MUDANÇA DE PARADIGMA DENTRO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação do Prof. Me. Mauricio Resende Rodvalho.

ANÁPOLIS – GO  
2019

EDUARDO COUTINHO PEREIRA DE SOUZA

A UTILIZAÇÃO DA PESSOALIDADE NA REDAÇÃO CIENTÍFICA: UMA  
MUDANÇA DE PARADIGMA DENTRO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação do Prof. Me. Mauricio Resende Rodovalho.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Me. Mauricio Resende Rodovalho**  
**Orientador**

---

**Prof.(a) Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel**  
**Prof.<sup>a</sup> Convidada**

---

**Prof. (a) Me. Marisa Roveda**  
**Prof.<sup>a</sup> Convidada**

# **A UTILIZAÇÃO DA PESSOALIDADE NA REDAÇÃO CIENTÍFICA: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA DENTRO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**

## **THE USE OF THE FIRST PERSON IN THE SCIENTIFIC WRITING: A PARADIGM CHANGE WITHIN SCIENTIFIC COMMUNICATION**

**Eduardo Coutinho Pereira de Souza\***  
**Mauricio Resende Rodovalho\*\***

### **RESUMO**

Tratar da pessoalidade na redação científica, principalmente da utilização da primeira pessoa, é algo necessário devido ao fato da Ciência contemporânea internacional, principalmente as revistas de alto impacto científico, já aceitarem a inserção das considerações do pesquisador como autor e proprietário do saber apresentado. Diante de tal afirmação e associado com a grande oferta de material científico disponibilizado para leitura, nas mais diversas plataformas (revistas especializadas, internet, etc.), o pesquisador necessita utilizar de meios eficazes para que seu trabalho seja apreciado e referenciado. A utilização da escrita em primeira pessoa permite ao autor apresentar suas considerações, suas conclusões, de forma a promover a persuasão do leitor para que seu ponto de vista seja considerado, fazendo com que a Ciência possa se desenvolver e ampliar seu poder de atuação, nas mais diversas camadas da sociedade e em seus mais diversos campos do saber. O artigo apresentado caminha pela análise da situação das publicações científicas nacionais e sua crise no fator de impacto internacional; uma revisão sobre o pensamento dos autores de Metodologia Científica e suas considerações pela impessoalidade; um estudo na filosofia da ciência sobre a origem da utilização da impessoalidade e da possibilidade da utilização da pessoalidade na redação científica e uma apresentação pormenorizada da importância da redação científica em primeira pessoa, com o objetivo de melhor adequarmos os nossos textos e trabalhos junto a

---

\*Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail:* duducoutinho20@hotmail.com

\*\* Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Professor da Faculdade Católica de Anápolis. *E-mail:* mau.rodovalho@gmail.com

um cenário internacional extremamente competitivo e exigente. O artigo exposto trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo.

**Palavras-chave:** Redação Científica. Pessoalidade.

## **ABSTRACT**

Dealing with personalities in scientific writing, especially the use of the first person, is necessary due to the fact that contemporary international science, especially magazines of high scientific impact, already accept the insertion of the considerations of the researcher as author and owner of the presented knowledge. In the face of such a statement and associated with the great offer of scientific material available for reading, in the most diverse platforms (specialized magazines, internet, etc.), the researcher needs to use effective means for his work to be appreciated and referenced. The use of first-person writing allows the author to present his considerations and his conclusions in order to promote the persuasion of the reader so that his point of view is considered, allowing Science develops and expands its power of action, in the more diverse layers of society and in its most diverse fields of knowledge. The present article is about the analysis of the situation of national scientific publications and their crisis in the factor of international impact; a review of the thinking of the authors of Scientific Methodology and their considerations about impersonality; a study in Science Philosophy of the origin of the use of impersonality and the possibility of the use of the first person in the scientific writing and a detailed presentation of the importance of the scientific writing in first person, with the aim of better adjusting our texts and works next to a very competitive international scene and demanding. The article presented is a qualitative bibliographical research.

**Keywords: Scientific Writing. Personal Writing.**

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo primordial da Ciência é promover melhorias na qualidade de vida da população, seja proporcionando melhores condições de subsistência, explorando os recursos naturais, prolongando o tempo de vida ou inserindo tecnologia no dia-a-dia das pessoas, afetando sua maneira de interagir com o ambiente e com os demais

seres. E para que exista ciência e para que essa possa apresentar resultados, torna-se necessário que os estudos e pesquisas sejam apresentados e compartilhados, tanto no meio científico, como para o público em geral.

Para que haja comunicação, é necessário que exista um meio que sirva de veículo para a transmissão do conhecimento, papel esse destinado à publicação científica, validando o trabalho do cientista e oportunizando que seus achados e conclusões possam ser avaliados e debatidos pela comunidade científica internacional. Só assim, depois da aceitação da academia é que um estudo ou teoria pode ter validação internacional e credibilidade. Nesse processo de comunicação, a interação escritor-leitor toma um papel central, visto que sem o interesse deste, toda a dedicação do escritor perde sua função.

Na visão de Volpato, “redação científica [...] é a expressão escrita da argumentação do cientista num ambiente zelado pela lógica e comunicação.” (VOLPATO, 2015, p.3). Na visão do autor, dois fatores são preponderantes para a construção de um texto científico, as bases lógicas e filosóficas da Ciência e elementos constituintes do processo de comunicação (VOLPATO, 2015, p.3). A utilização racional destes elementos possibilita ao cientista a construção de textos científicos de boa qualidade técnica, apresentando boa concorrência dentro do cenário científico internacional e uma abrangência em diversas áreas do saber.

O objetivo deste artigo é apresentar informações sobre a redação científica, mais especificamente sobre o emprego da pessoalidade no processo de construção do texto, contrastando com a realidade e o pensamento de grandes autores especializados em fundamentação metodológica da ciência, e também com o pensamento vigente no Brasil, estabelecido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), procurando esclarecer quais as consequências e melhorias em qualidade que tal emprego proporciona à comunicação científica.

## 2 METODOLOGIA

O intuito principal do artigo foi estudar a pessoalidade na redação científica e como a mesma pode contribuir para a melhora na forma da comunicação entre autor e leitores, apresentar considerações de como o emprego das primeiras pessoas, tanto do singular como do plural, podem auxiliar (ou não) o processo de evolução do pensamento científico e na sua comunicação junto à comunidade, além de contrastar

tal posição com a literatura nacional e os autores encontrados. Realizou-se, para tanto, a pesquisa bibliográfica a respeito do assunto “pessoa na redação científica”, buscando, na literatura concernente ao tema Fundamentação do Trabalho Científico e Filosofia da Ciência, as justificativas para tal emprego, além de apresentar uma pequena revisão sobre Filosofia da Ciência, onde os autores se baseiam para sua utilização.

Como material de pesquisa, foi utilizada a literatura referente aos temas Metodologia Científica, Metodologia de Pesquisa Científica, Redação Científica, Metodologia do Trabalho Científico, de autores disponíveis à consulta. A base da consulta e análise foi a literatura disponibilizada pela Biblioteca de uma Instituição de Ensino Superior, localizada na cidade de Anápolis, Goiás, além da utilização de material bibliográfico pessoal do autor, também referente aos temas supracitados. As consultas bibliográficas foram tomadas nos meses de fevereiro e março de 2019, junto ao acervo disponibilizado pela Instituição de Ensino Superior e sobre o tema relacionado ao trabalho.

Associado à utilização de literatura impressa, foi realizado a busca de artigos que analisam, de forma contemporânea, a redação do texto científico de forma pessoal (primeiras pessoas, do singular e plural), enriquecendo a discussão e o debate sobre o tema. Como fonte de procura, foi utilizado o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sendo a pesquisa realizada pelos seguintes descritores: Redação Científica, Impessoalidade e Método lógico de Redação Científica. Artigos que não abordaram a temática redação no impessoal/pessoal, além do não enquadramento referente à pesquisa científica, foram descartados. Outro processo de seleção dos artigos foi a seleção de trabalhos publicados na última década (desde 2000 em diante).

Como material de referência para o trabalho, utilizou-se das obras de Volpato (2015, 2013) como marco para o contraste com o pensamento dos autores de Fundamentação de Metodologia Científica. Tal medida visa trazer uma possibilidade de análise reflexiva sobre a produção científica nacional, sua participação e impacto no cenário internacional, além de trazer luz sobre o papel do autor como responsável pelas considerações encontradas em seu trabalho de pesquisa.

### 3 PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Volpato (2015, p.3), em seu artigo intitulado “O método lógico para redação científica”, traz uma importante contribuição para a pauta do trabalho, apresentando um panorama atual da produção científica realizada no Brasil; segundo o autor, a produção científica cresce a cada ano e, com isso, cada vez mais publicações tornam-se disponíveis para a apreciação junto à comunidade acadêmica. Nas mais diversas áreas do saber, as informações são disponibilizadas para um número cada vez maior de pessoas. Soma-se a esse quadro o processo de globalização que afeta todo o planeta, desde meados da década de 1980, e mais específico o advento e a popularização da internet, disponibilizando uma quantidade excessiva de informações. Ainda de acordo com Volpato (2015, p.3), nas Ciências, esse processo também causou grande impacto, favorecendo a publicação de um grande número de trabalhos de pesquisas nas mais diversas plataformas educacionais, formatos (pagos ou de livre acesso) e em revistas especializadas ou de alto impacto.

Segundo Volpato (2015, p.3), a *Web of Science* calculou, no ano de 2014, uma estimativa anual mundial de publicações de artigos científicos em torno de 1.800.000, para os últimos cinco anos de atividade. Para o pesquisador, este dado deve servir de indicador para projeções no cenário internacional. Outro dado levantado por Volpato (2015, p.5) relaciona-se ao aumento do número de artigos lidos por pesquisadores ao redor do mundo, anualmente. Em sua análise, os leitores têm reservado cada vez menos tempo para leitura dessa produção, necessitando que os textos sejam concisos, “exigência num ambiente altamente competitivo e que deve ser incorporada na redação científica”. (VOLPATO, 2015, p.5).

O cenário científico brasileiro não é diferente ao que acontece ao redor do mundo, tendo o país uma grande fatia no que se refere às publicações científicas. Para Volpato (2015), esse grande volume de informação produzido e disponibilizado requer critérios por parte do pesquisador e do estudante, principalmente sobre o que ler e o que existe de relevante em tais escritos. O autor acredita que muitos problemas apresentados neste grande volume de pesquisas estão relacionados com a baixa qualidade no processo de redação científica, principalmente associado com a baixa qualidade do pensamento científico apresentado pelos profissionais do país. Segundo Moraes (2017), o Brasil, no ano de 1998, alcançou o 20º lugar no ranking de maiores publicações científicas, com um total de 11.839 artigos publicados. Após quase 20

anos, o país saltou sete posições no ranking, alcançando o 13<sup>a</sup> lugar, com um aumento de produtividade de 82.873, sete vezes maior do que encontrado em 1998. Segundo o jornalista, tal incremento na quantidade de publicações não se percebeu quando se analisou o grau de impacto dessas pesquisas no cenário internacional, fator esse medido pela quantidade de vezes que pesquisadores de outros países referenciam os trabalhos de pesquisadores brasileiros em outros trabalhos, em outras partes do mundo, num determinado ano.

Exige-se, portanto, uma nova postura, tanto do cientista como do estudante, um novo jeito de se encarar a produção científica, além de uma mudança de mentalidade e uma maneira de enxergar e realizar Ciência. Este desenvolvimento deve acontecer, segundo Volpato (2015), desde a formação acadêmica do estudante, possibilitando ao mesmo desenvolver aptidões e habilidades necessárias ao bom desenvolvimento da Ciência.

Devido a esse enorme volume disponível de publicações científicas, e que continua a crescer, torna-se necessário que o processo de comunicação e apresentação dos resultados sejam realizados de maneira cada vez mais dinâmica, de forma mais clara, precisa e sucinta possível, exigências essas provenientes de um cenário internacional extremamente competitivo (VOLPATO, 2015). Volpato acredita ser necessário uma melhor orientação por parte dos docentes, visando uma melhor formação técnica e científica deste futuro pesquisador, buscando construir e modelar o discurso do mesmo, tendo em vista sua inserção no cenário científico nacional e internacional.

Dentro deste contexto de grande volume de informações disponibilizadas, nas mais diversas áreas do conhecimento, é que o texto a ser disponibilizado tem uma grande relevância, pois precisa despertar o interesse do leitor para sua apreciação. Cativar, apresentar informações (de preferência novas e atuais) e, principalmente, ter condições de defender seu ponto de vista perante quem lê, proporcionam condições para que o trabalho possa ser debatido e referenciado, principal meta de qualquer cientista e pesquisador. Os tempos atuais têm exigido mudanças de paradigma no processo de diálogo com o interlocutor; a rapidez da oferta de novas informações, a velocidade e a facilidade de acesso a materiais científicos produzidos em diferentes partes do mundo requer do pesquisador um texto consistente, uma mensagem clara e direta, um grande poder de convencimento e, também, um discurso envolvente e

eloquente, possibilitando despertar a atenção e o interesse do leitor para que assuma junto ao pesquisador o caminhar da pesquisa e a aceitação de suas considerações.

Segundo Medeiros (2010), um texto só pode ser considerado como tendo caráter científico quando apresenta e divulga informações científicas novas. Pode-se inferir deste pensamento a grande importância da presença do autor para as apresentações de novas considerações junto à comunidade científica.

Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.361) afirmam que a apresentação dos resultados da pesquisa científica afeta diretamente os leitores, pois os mesmos se baseiam nas considerações apresentadas para tomada de decisão. Torna-se fundamental para o pesquisador que ele seja o mais claro e assertivo quanto aos seus resultados e conclusões, levando o leitor a aceitar suas considerações como relevantes.

Formatos rígidos e padronizados hermeticamente tornam a comunicação científica limitada, truncada e muitas vezes inacessível. A Ciência, como qualquer outro ramo do saber, desenvolve-se e evolui através do confronto de diferentes modos de pensar; é por meio deste embate que novas ideias e modelos são aceitos pela comunidade científica. A comunidade acadêmica, enquanto estudantes e agentes desse processo, não está alheia a esses confrontos, tornando necessário que adequações referentes à metodologia de trabalho, como também a apresentação das pesquisas e conclusões, sejam realizadas visando alinhar os trabalhos com o que é requerido pelas principais revistas e agências de publicação.

#### 4 NORMAS METODOLÓGICAS APLICADAS NO BRASIL: DIFICULDADES EM SE ALTERAR O PANORAMA DA PESSOALIDADE

Nos livros e manuais disponíveis sobre o assunto Metodologia e Redação Científica, é consenso entre os autores a posição de se utilizar da impessoalidade na redação, visando o afastamento do autor das considerações sobre o tema discorrido, garantindo, com isso, objetividade, científicidade e credibilidade. Tal postura, subliminarmente dogmática, pode levar a interpretações contraditórias, principalmente quando em pesquisa e levantamento de material bibliográfico, o pesquisador se depara com textos redigidos em primeira pessoa, seja no singular para um autor, ou no plural, quando se trata de mais autores, e nem por isso deixamos de analisá-los criticamente e utilizarmos em pesquisas. O emprego da pessoalidade nos textos

acadêmicos e científicos merece, pelo menos, uma análise mais aprofundada e menos estereotipada, como vem ocorrendo no meio acadêmico.

Müller e Cornelsen (2003, p.92, apud OLIVEIRA, 2015, p.4-5) elencam as características imprescindíveis da linguagem científica, tais como a precisão, clareza, imparcialidade, coerência e impessoalidade. Os autores recomendam a utilização da escrita em terceira pessoa, evitando-se a utilização de pronomes em primeira pessoa, tanto do singular como do plural. Na visão de Oliveira (2015), tal pensamento é considerado como decorrente do contexto da construção impessoal. Fica, para o autor, os seguintes questionamentos: qual a origem desta orientação e, também, qual o seu fundamento?

No trabalho de pesquisa realizado por Almeida e Miranda (2009, p.81, apud OLIVEIRA, 2015, p.8), as autoras puderam constatar a baixa quantidade de artigos científicos redigidos em primeira pessoa, muito pelo fato da influência e interferência dos livros e manuais de metodologia e redação científica disponíveis para consulta, que dão como premissa a utilização da impessoalidade na redação do texto. Tal imposição tolhe qualquer perspectiva de análise de trabalhos já publicados sobre a utilização de uma abordagem diferenciada e mais condizente com que se espera na Ciência nos tempos atuais, principalmente em decorrência da imposição dos manuais e dos autores. O pesquisador fica cerceado a seguir o *status quo* presente na literatura, dificultando sua inserção num mercado mais amplo, abrangente, seletivo e contemporâneo, como é o internacional.

Os autores são enfáticos no emprego da impessoalidade, ou seja, a utilização da terceira pessoa na construção da redação científica. Na visão dos mesmos, a adoção de tal medida visa tornar o texto formal, científico e isento de senso comum e das opiniões do pesquisador, limitando-o a um mero observador dos fatos coletados.

Na visão de Gil (2010), o texto científico deve prezar pelo rigor científico, com o completo distanciamento do autor do tema estudado, considerando o impessoal como padrão a ser adotado na escrita. Santos, Kienen e Castañeira (2015, p.146) também destacam o aspecto da impessoalidade na redação científica, sendo enfáticos ao sugerirem que “jamais” (SANTOS, KIENEN e CASTAÑEIRA, 2015, p.146) se utilize expressões em primeira pessoa. É necessário salientar que os autores não oferecem contribuições teóricas argumentativas a respeito de tal posicionamento, caracterizando um viés dogmático e incontestável ao assunto, impossibilitando a reflexão. Figueiredo e Souza (2011, p.50), também orientam que o

texto científico seja redigido no impessoal, evitando-se a “conotação subjetiva inerente à linguagem expressa na primeira pessoa.”

Para Cyranka e Souza (2000 apud MATIAS-PEREIRA, p.63), a linguagem a ser utilizada na redação científica é a referencial, em que o objeto de estudo é foco de análise; utiliza-se para isso verbos em terceira pessoa, excluindo-se o discurso subjetivo do pesquisador, “de modo a aproximar o leitor do centro de interesse e não do autor do trabalho.” Nota-se o enfoque exclusivo na observação do objeto, e não nas considerações trazidas pelo trabalho do pesquisador, além de estabelecer com esse posicionamento que a verdade apresentada é um fato acabado, sem permitir alterações. Seria a Ciência então algo acabado? E por que de tantos investimentos em busca de melhorias, sendo que a verdade se apresenta para nós de forma inflexível e terminada?

Para Ramos (2009, p. 137-138), a contribuição que um pesquisador oferece ao processo de desenvolvimento científico é a sua capacidade de inquirir o mundo ao seu redor, oferecendo um novo olhar sobre essa realidade; para tanto, lança mão de artifícios como senso crítico, filtrando as informações e impressões captadas pelos sentidos. Segundo a autora, “transformar informação em conhecimento implica criticar, comparar essas informações e chegar a conclusões.” (RAMOS, 2009, p.138). Adquirir criticidade para a autora é um ato de investigação utilizando para tanto a inteligência e a razão, “sem aceitar opiniões alheias de forma automática” (RAMOS, 2009, p.138). Superar as barreiras do “senso comum” se dá através de uma postura questionadora e reflexiva por parte do pesquisador, passando as informações coletadas sobre o crivo da razão, buscando a essência do que se estuda, ou seja, sua verdade. O interessante é que a própria autora determina o modelo impessoal na redação do texto científico (RAMOS, 2009, p.157), contrapondo a ideia anteriormente trabalhada sobre a ação do sujeito-pesquisador-autor na análise, interpretação e comunicação da realidade. A interpretação que pode ser feita nessa análise é que o autor deve ser um agente criativo e crítico, porém, apresentando sua argumentação de maneira distanciada, alheia às suas impressões. Existe um paradoxo nesse pensamento! Dê sua opinião, sua contribuição, porém não se deixe descobrir e se envolver no processo!

Marconi e Lakatos (2010, p.233), reforçam a necessidade da impessoalidade na redação científica, associando-a à objetividade na análise e apresentação por parte do pesquisador. É outro paradoxo associar objetividade à impessoalidade,

principalmente pelo fato da objetividade, enquanto característica que imprime clareza, que busca retratar fielmente um determinado objeto de estudo, estar presente no processo de comunicação do pesquisador. A utilização de pessoalidade na apresentação das considerações levantadas durante o trabalho de pesquisa não impede (e não deve impedir) que o autor seja o mais claro e preciso quanto à análise e apresentação das suas considerações. Soa como se o autor, incapaz de sustentar sua posição, tenha como necessidade se esconder através de formas de redação impessoais, promovendo uma falsa separação entre o ser-pesquisador e o objeto estudado, e esse ocultamento ofereça maior credibilidade e objetividade ao trabalho. Consideração semelhante é encontrada em Andrade (2010, p.90), correlacionando objetividade à impessoalidade. A autora sugere que a utilização do impessoal gera um afastamento necessário entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, garantindo objetividade à análise.

Medeiros (2010, p.195-196), extrapola a compreensão padrão trazida pelos manuais de metodologia científica. Ele destaca que, em normalidade, tais manuais aconselham a utilização da impessoalidade na redação científica, buscando-se evitar a subjetividade. Porém, o autor salienta que, ultimamente, mesmo em textos redigidos em terceira pessoa, a subjetividade pode aparecer, afastando-se na neutralidade preconizada pela academia, aparecendo “na linguagem por meio de outros elementos, como a adjetivação, os advérbios, a escolha das palavras”. (MEDEIROS, 2010, p.196). Para o autor,

O melhor que o pesquisador pode fazer é procurar saber como os avaliadores de seu trabalho vêem essa questão ou adaptar-se às regras da instituição em que apresentará o trabalho. [...] Tudo é uma questão de adaptar-se às regras do jogo da instituição para a qual se escreve. (MEDEIROS, 2010, p.196).

Dos autores pesquisados sobre Metodologia e Redação Científica, excetuando-se Volpato (2013), que é explicitamente defensor da pessoalidade, Medeiros é o menos intransigente quanto à utilização ou não do pessoal, recaindo o seu emprego às questões burocráticas de cada instituição. Porém, não salienta que seu uso beneficie ou não a interação com o leitor e a análise das conclusões levantadas, nem aborda sobre a responsabilidade do autor para com a apresentação dos resultados.

Pode-se induzir, através do posicionamento dos autores, que o rigor à forma científica está relacionado à impessoalidade do autor associado ou à criatividade, ou

à objetividade. Aplicando uma reflexão crítica sobre o ponto de vista dos autores, nota-se que existe um discurso retórico prejudicado, comparando premissas com pesos diferentes. Ao sugerir que o autor utilize de criatividade na redação e construção do seu trabalho, porém de uma forma distanciada do tema estudado, e abrindo mão de sua subjetividade, impõe-se um obstáculo intransponível para que o pesquisador possa desenvolver o conteúdo e defender seu ponto de vista sobre o trabalho, fato esse que em nada contribui para o aprimoramento da ciência. Associar objetividade, que é um dos predispostos da Ciência, à impessoalidade também soa descabido, visto que, mesmo que o autor atribua seu parecer e defenda as suas conclusões de forma pessoal, tal postura deve acontecer de forma assertiva e direta, sem rodeios. É preciso um novo olhar dos autores sobre suas considerações, para que o debate possa ser melhorado e enriquecido, possibilitando ao estudante e ao pesquisador condições de entender o porquê da utilização da impessoalidade para construção de uma redação científica. A impressão que se passa é que a comunidade científica brasileira, na concepção e percepção apresentada pelos autores consultados, apoia-se num dogmatismo cego na defesa da utilização da impessoalidade, soando como um “senso comum”, bem mais sofisticado e trabalhado, porém sem uma explicação adequada e convincente. Se realmente redigir no impessoal é a norma a ser seguida como padrão culto, torna-se necessário que os autores que defendem tal emprego esclareçam ao leitor com mais exatidão e subsídios os reais motivos que beneficiam a comunicação em tal forma.

Na visão de Chauí (2005 apud BIAZUS, 2015), a correlação aparente entre objetividade e neutralidade pressuposta pela Ciência “só pode ser pensada quando há uma coerência entre os dados e as representações, anulando-se os fatos”. (p.220-221). Para que se cumpra tal normativa, a Ciência deve se estruturar através de metodologias, visando assegurar um caráter técnico e rigoroso aos procedimentos de coleta de dados, análise e interpretação dos mesmos e, conseqüentemente, apresentação dos resultados. Para Chauí, tal lógica equivoca-se ao não assumir a impossibilidade da interpretação de dados sem que os fatos envolvidos sejam também destacados e levados em consideração durante o processo de interpretação que, segundo o autor envolvem “as condições de produção, a historicidade e o sujeito” (p.221). Diante desse posicionamento, é importante entender a dificuldade (para não se dizer impossibilidade!) existente em se isolar o pesquisador-autor do interesse do seu trabalho, tornando-o elemento fundamental para que suas análises sejam

avaliadas e debatidas. O pesquisador, juntamente com os elementos advindos de sua prática de pesquisa, são peças que se ajustam e interagem, oferecendo, como resultado final, uma interpretação fidedigna (do ponto de vista do autor) da realidade, devendo ser apresentada e defendida como parte intrínseca do seu fazer.

## 5 O PROCESSO DE REDAÇÃO CIENTÍFICA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA CIÊNCIA E O PAPEL FORMADOR DOS ORIENTADORES E AGÊNCIAS DE FOMENTO À PESQUISA

Redigir ciência é um ato de se fazer ciência; diante disso, estabelecer critérios rígidos, fixos e herméticos de se enxergar a produção científica é um suicídio à própria Ciência, que nada tem de estática e que sobrevive de avanços técnicos e também de conceitos. Isentar a participação do pesquisador do processo científico em nada ajuda no processo de desenvolver a própria Ciência, alienando estudantes sobre outras formas mais dinâmicas e, porque não dizer, contemporâneas, de se fazer e se comunicar ciência.

Para Volpato (2015, p. 4) é fundamental para o cientista que o mesmo participe das decisões acontecidas junto à comunidade científica. Para tanto, torna-se condição fundamental que se apresente publicações para serem discutidas e apreciadas. O autor salienta a importância da escolha da correta revista para a publicação do trabalho, visando valorar o seu esforço de pesquisa, tendo em vista a condição de exclusividade da publicação, ou seja, o trabalho científico não pode ser publicado mais de uma vez em revistas diferentes. Para Volpato (2015, p. 4) “quando nos ignoram (nem usam nosso conhecimento, nem o criticam), ficamos fora do debate”.

Volpato (2015, p.5) salienta a importância da abrangência no impacto da publicação científica, buscando alcançar não só um público especialista e da área, mas também possibilitando que profissionais de outras áreas do saber possam se interessar pelo trabalho, ampliando-se o conceito de interdisciplinaridade. Para que tal abrangência possa ser tornar verdade, é necessário que a linguagem empregada seja a mais simples e de fácil compreensão, sem o emprego de jargões técnicos desnecessários, tornando difícil a assimilação do conteúdo por parte de um público mais abrangente.

Segundo Volpato (2015, p.5), “Cientistas [...] querem que o artigo traga grandes novidades, novas visões, novos direcionamentos, uma busca natural para quem tem espírito voltado para a ciência”. Evoluções de conceito apresentadas pelo

pesquisador, segundo o autor, são necessárias para progresso da própria ciência, favorecendo a discussão e debate. Um dado extremamente importante trazido pelo autor é o fato de grande número de trabalhos serem devolvidos, principalmente no sistema *peer review*, **“sem análise de conteúdo, considerando que a conclusão, ainda que verdadeira, não é interessante**. Muitos são apenas no nível dos estudos confirmatórios do óbvio, que constata que o que é altamente esperado realmente ocorre.” (grifo nosso). Cabe ao cientista capacidade de superar a obviedade da observação e buscar enxergar soluções novas e inéditas para os mesmos problemas estudados. Com isso, a ciência progride de patamar, selecionando os melhores cientistas e pensadores.

Torna-se preciso desmistificar o processo de redação científica, principalmente para o estudante de graduação, que almeja seguir na carreira científica, para que o mesmo não seja surpreendido, em sua formação e prática profissional, com leituras mais impactantes e diretas, realizadas no pessoal. Lançar luz a esse tema é ampliar o repertório de comportamento do profissional pesquisador, garantindo-o mais opções de sucesso em sua prática, lançando-o no fluxo corrente da Ciência de vanguarda. Segundo Oliveira e Vidal (2017, p.332), o processo de “isenção de qualquer contaminação do sujeito-pesquisador sobre o objeto-pesquisado, [...] inserido nas concepções positivistas, noção que serviu ao conceito de *neutralidade científica* [...] persistente até hoje.” Na visão de Koch, (2019, p.17 apud OLIVEIRA; VIDAL, 2017, p. 333) “A neutralidade é apenas um mito: **o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade**”. (grifo nosso).

Uma análise importante levantada por Almeida Junior (2016, p.130) em seu trabalho, é o do papel do Professor Orientador do pesquisador nos programas de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior. No seu relato, os orientadores, devido ao programa de incentivo à pesquisa promovida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência vinculada ao Ministério da Educação, são obrigados a produzir uma quantidade predeterminada de trabalhos de pesquisa, visando a obtenção de recursos para as suas instituições e fundos de pesquisa. Nesse panorama, os pesquisadores são estimulados a trabalhar com prazos cada vez mais enxutos, limitando, com isso, a possibilidade de explorar melhor os resultados das pesquisas e suas considerações. Ainda segundo o autor, “essa produção, tem como base as exigências burocráticas, administrativas e

avaliativas, e não a necessidade dos pesquisadores em disseminar os resultados de seus estudos e reflexões.” (ALMEIDA JUNIOR, 2016, p.130). Para ele, a pressão exercida sobre o pesquisador pela liberação rápida do trabalho científico pode estar correlacionada com a seleção da redação em seu modelo padrão, recomendado pela literatura, ou seja, no impessoal. A pressa pela liberação de resultados compromete na capacidade do pesquisador de refletir sobre os mesmos e apontar peculiaridades e conclusões mais robustas e consistentes. Com isso, o processo de redação perde em suas características argumentativas, persuasivas e de comunicação, atendendo a um sistema em que cada vez mais se destaca o quantitativo, em detrimento da qualidade, nas análises de produções científicas.

Oliveira e Vidal (2017) apontam para as incongruências do ensino da disciplina de metodologia científica, tais como a identificação da disciplina apenas com o aspecto normativo, ou seja, a adequação do trabalho de pesquisa em concordância com as formatações recomendadas pela norma padrão vigente, que no nosso caso é a ABNT; outro aspecto salientado pelos autores, é a atribuição da disciplina de metodologia científica a profissionais não habituados à pesquisa científica e conhecedores dos padrões aceitos pela academia, além da falta de experiência com a realização de pesquisas científicas. Tal postura só auxilia na perpetuação do dogma da impessoalidade da redação, impossibilitando a abertura da discussão a respeito do empenho da personalidade na redação científica e se seu emprego enriquece ou não o teor do trabalho.

Ludwig (2009 p.26) relata que o fazer ciência, principalmente na sociedade contemporânea, envolve a consideração de terceiros, além do desenvolvimento da própria Ciência. Interesses governamentais, agências de fomento à pesquisa, além de organizações privadas moldam o desenvolvimento e o direcionamento das pesquisas científicas, limitando a ação plena do pesquisador, principalmente no que se refere à sua plena autonomia para a pesquisa. Para o autor, o pesquisador sofre com pressões exercidas por esses meios, tolhendo seu trabalho em prol dos interesses particulares. Trabalhos que não se encontram alinhados com os objetivos esperados pelas agências são descartados, mesmo com o interesse de publicação por parte do pesquisador.

As pesquisas atuais, em todas as áreas do saber, são planejadas e concretizadas para alcançar objetivos bem determinados. Esta situação é bem diferente de um tempo que já se foi, quando experiências não-

intencionais e descobertas inesperadas desempenharam um papel importante para o avanço da ciência. No passado, portanto, havia mais liberdade para o pesquisador. (LUDWIG, 2009, p. 28).

No contexto apresentado, torna-se importante refletir sobre o papel do pesquisador e o seu contexto, e como ele pode contribuir com seus estudos para a melhoria do cenário científico nacional. Trabalhar com isenção dentro da Ciência, seja através do posicionamento do pesquisador, seja por meio dos interesses externos, têm se mostrado cada vez mais ilusório e longínquo da realidade apresentada pelos autores. Convém lançar luz sobre a pressão exercida pelas agências de fomento à pesquisa para a publicação de resultados e as vantagens ou prejuízos que tal atitude tem promovido no meio científico.

## 6 POSITIVISMO COMO AFIRMAÇÃO DA IMPESSOALIDADE E SEU CONTRAPONTO, O MODELO INTERPRETATIVISTA

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.10) o positivismo, a partir do século XIX, enquanto campo de ciências da área de exatas, foi assimilado também pelas ciências sociais, seguindo as orientações de Comte, gozando de grande respaldo e respeito no meio acadêmico desde então. Considerado como uma “tradição lógico-empirista” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.13), o positivismo enfatiza como preceitos básicos a utilização da razão analítica, “buscando explicações causais por meio de relações lineares entre fenômenos” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.13). Segundo essa tradição, a verdade só seria obtida através das impressões obtidas pelos sentidos, sendo necessária, para sua análise, a utilização de critérios meticulosos (BORTONI-RICARDO, 2008, p.15) na construção de leis e teorias advindas das observações de casos particulares (BORTONI-RICARDO, 2008, p.14). Uma das principais determinações deste paradigma seria a completa separação do pesquisador do objeto a ser pesquisado, adotando como análise uma percepção objetiva do mundo. As impressões subjetivas relacionadas ao cientista não deveriam ser apresentadas e consideradas pela comunidade científica, inferidas por seus participantes como “senso comum”, não sendo, portanto, fontes confiáveis de análise da realidade e do mundo.

Nos estudos de Bortoni-Ricardo (2008, p.32) o modelo que se contrapõe ao positivismo é o chamado de interpretativista, uma alternativa para o pensamento

positivista empregado pela ciência, desmistificando a noção da subjetividade do pesquisador. Para a autora

Segundo o paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. [...] **a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo.** (BORTONI-RICARDO, 2008, p.32, grifo nosso).

Na visão de Erickson (1990, apud Bortoni-Ricardo, 2008, p.34), essa metodologia interpretativista apresenta forte correlação com a interpretação das ações e também com o significado que os atores atribuem as suas ações.

O ponto que estamos defendendo aqui é que o senso comum representa uma dimensão do conhecimento que não deve ser descartada como primitiva ou produto da ignorância. Pelo contrário, o senso comum é um componente valioso em nosso conhecimento de mundo. O cientista [...] pode valer-se dele para interpretar as ações socialmente organizadas e a forma como os atores sociais as veem, posicionando-se em seu interior e constroem seu sistema de interpretação. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.18).

Pode-se perceber a importância da subjetividade e da participação ativa do pesquisador na construção da realidade que está analisando e que coloca para debate junto à comunidade científica. É assumindo uma posição de agente ativo no processo de verificação da realidade que novas percepções são levantadas e novos modelos de análise implementados. Bortoni-Ricardo (2008, p.39), utiliza o termo competência comunicativa, cunhado por Dell Hymes, (1927 – 2009), sociolinguista, como referência a uma ferramenta que apresenta como objetivo possibilitar àquele que fala competências sobre o que se diz, além de analisar os mecanismos empregados na comunicação, para que a mesma seja realizada de maneira eficaz e eficiente, atingindo um universo diversificado de leitores.

Oliveira (2015, p.5) ressalta que “em nome da objetividade, da neutralidade e da modéstia, instalou-se no meio acadêmico um preconceito e um tabu: ‘primeira pessoa, nem se cogita’”. Tal atitude é referida por Reutner (2013, apud OLIVEIRA 2015) como pertencente à Francis Bacon, considerado como um dos fundadores da Ciência Moderna, ainda nos séculos XVI e XVII. Desde então, o emprego da pessoa na redação científica é visto com um viés preconceituoso e descaracterizado de valor científico. Na visão de Coracini (2007 apud OLIVEIRA, 2015), nesse tipo de pensamento, o que caracteriza o processo científico é o seu caráter de objetividade, expressão de uma verdade absoluta, acabada e

inquestionável, independente do seu observador. Os fatos que são apresentados na pesquisa não são passíveis de contestação, cabendo ao leitor a obrigação de acatar como verdade todos os dados e provas apresentados, numa posição de submissão diante da verdade revelada, nem que seja de uma forma aparente. Vale-se da objetividade dos fatos, de forma crua, em detrimento da subjetividade do autor. Ainda segundo Coracini (2007, p.104, apud OLIVEIRA, 2015, p.6), “por meio desses recursos, o ‘sujeito-enunciador’ assume a postura de um observador distante do objeto observado, como que provando, com sua ausência explícita, a ausência do sujeito-pesquisador na etapa de investigação científica.” Porém, segundo a autora, tal distanciamento é uma atitude apenas ilusória, de uma falsa objetividade e imparcialidade.

## 7 PESSOALIDADE NA VISÃO DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA INTERNACIONAL

É importante começar essa seção com o pensamento de Volpato (2015, p. 9), em que o autor enfatiza que escrever ciência no pessoal vai muito além do emprego e utilização de “eus” ou “nós” na redação. É a análise trazida pelo pesquisador que enriquece o debate científico, que pode agregar ou ser desconsiderado, mas o autor não deve ser desconsiderado em tal empreita. Jamais. Para o autor (VOLPATO, 2015, p.3) a estruturação de um texto científico deve-se amparar em um consistente pensamento científico, associado à utilização de terminologia adequada a conjuntura celebrada pela comunidade científica; assim o cientista terá condições de explorar seus achados e apresentar informações novas junto à comunidade científica.

A principal crítica que Volpato (2015, p.9) atribui à impessoalidade é a exclusão da opinião do autor da conclusão do trabalho, dando uma primazia excessiva aos fatos, tornando o pesquisador à margem do que é apresentado, e principalmente atribuindo uma atitude pedante ao sugerir que a conclusão que o trabalho apresenta seja aceita como verdade indiscutível. Ainda segundo sua fundamentação, essa disposição à impessoalidade relaciona-se a uma filosofia científica antiquada (racionalismo/positivismo), onde acreditava-se que os achados científicos independiam do pesquisador/cientista. Nota-se, com este pensamento, o princípio de se considerar a verdade algo estático e permanente. Volpato (2015, p.9) cita que “[...] **A Ciência empírica apostou na força dos dados e é compreensível que, em**

**alguns momentos de sua história, isso tenha reforçado a redação no impessoal.”** (grifo nosso). E continua o pensamento “[...] A Resistência para mudar a tradição ainda é forte, mesmo na ciência. Mas redigir na primeira pessoa não significa usar “eu” ou “nós” em todas as frases. (VOLPATO, 2015, p.9, grifo nosso).

O Instituto Americano de Física (AIT, 1990), importante agência de fomento à pesquisa e publicação na área da física, disponibilizou um manual contendo orientações sobre as boas práticas para a publicação em seus jornais e periódicos agenciados pela instituição. Nesse manual, os editores discorrem no capítulo 3, na seção 9, do uso do “eu”, “nós” e das construções impessoais.

**O velho tabu contra a utilização da primeira pessoa em textos em prosa tem sido criticado pelas maiores autoridades e ignorada por alguns dos melhores escritores.** O “Nós” pode ser utilizado naturalmente por dois ou mais autores em referência a si mesmos; o “nós” também pode ser usado para se referir a um único autor e a autores associados. Um único autor pode utilizar o “nós” na construção comum que educadamente inclui o leitor: “Já vimos ...” Mas **nunca usar o “nós” como um mero substituto para “eu”, como em, por exemplo, “Em nossa opinião ...”, que tenta a modéstia e alcança o reverso;** escreva “minha” ou recorra a um genuinamente construção impessoal.” (AIT, 1990, tradução nossa, grifo nosso).

Pode-se extrair, deste excerto, duas considerações importantes: a primeira relacionada ao ano da publicação (1990), demonstrando que a aceitação do formato pessoal já é uma realidade entre grandes instituições que fomentam a pesquisa nos Estados Unidos. Realidade essa que abrange também duas das mais importantes revistas científicas internacionais, de grande fator de impacto dentro do universo científico internacional, como as revistas *Nature* e *Science*, segundo Volpato (2015). Para o autor, a adoção do caráter pessoal, torna a comunicação mais clara e com mais dinamismo e fluidez. A segunda consideração recai sobre a alegação feita pela comunidade científica e autores especializados que o emprego da pessoalidade torna o conteúdo transmitido empobrecido e de caráter popularesco, tal como afirma Ander-Egg (1978, apud MARCONI; LAKATOS, 2016). Tal afirmação deve ser ao menos contestada e refletida pelo pesquisador ou estudante, tendo em vista a aceitação pela academia internacional, sem prejuízo para a comunicação científica, mesmo no caso de áreas como a das ciências exatas, onde as conclusões exigem um alto grau de precisão, análise e acerto, principalmente pelas ferramentas estatísticas utilizadas.

Araújo (2006, p.460 apud OLIVEIRA, 2015, p. 9) traz uma informação importantíssima que corrobora o pensamento apresentado acima. Segundo a informação da autora,

**Em inglês**, os autores preferem **usar a primeira pessoa do singular como marca de subjetividade**, enquanto, em português, o pesquisador se expressa na primeira pessoa do plural como forma polida de sinalizar a voz de autoridade do texto (...), **a escolha dos pronomes como marca de subjetividade e da presença do escritor no texto desmitifica a crença de que o relato de pesquisa é monolítico e que deve expressar objetividade e neutralidade**. (ARAÚJO, 2006, p.460, apud OLIVEIRA, 2014, p.9, grifo nosso).

É fácil depreender na fala de Araújo que, no inglês, considerada como Língua Científica Internacional, segundo Volpato (2013), a predominância da utilização da primeira pessoa no processo de redação científica e da importância que o cenário internacional dá à subjetividade do autor, principalmente pelo fato de ser ele o responsável pelas considerações do seu trabalho, devendo ser incluído no processo de divulgação e apreciação. Outra análise que podemos retirar, é que o tema impessoalidade do autor já se encontra em desuso no cenário internacional há pelo menos uma década, carecendo do pesquisador que realmente queira inserir seu trabalho para apreciação num cenário científico mais amplo e exigente, a desmitificação de certos ideais preconizados pelos autores na ciência nacional.

Ferreira (2011, p. 28) traz um apontamento que enriquece a discussão sobre o tema, que é a estabilidade do estilo de redação científica apresentado no Brasil e as rápidas mudanças apresentadas pelo conhecimento científico. Na visão do autor, existe uma defasagem entre o que é normativo e proposto e o que vem sendo praticado.

Deve-se enfatizar o fato de que a forma e o estilo da redação científica se mantiveram relativamente estáveis, ao longo das últimas décadas. **O conhecimento científico, por outro lado, passou por mudanças mais rapidamente do que a linguagem empregada na veiculação das inovações. Há certas estreitas conexões, no entanto, entre fazer pesquisa e elaborar um relato escrito do que foi observado** que facilitam essa tarefa. (FERREIRA, 2011, p.28, grifo nosso).

É importante ter em mente que esse avanço do fazer Ciência, a que Ferreira destaca, e também a estreita conexão entre a pesquisa e o seu relato, forcem o pesquisador a utilizar de meios linguísticos eficazes, que tornem suas conclusões disponíveis para avaliação, não perdendo, com isso, a clareza e objetividade necessária dentro do meio acadêmico. O que não podemos mais é desconsiderar que dentro deste contexto a escrita pessoal, impregnada do viver do cientista e de sua análise crítica, seja desvinculada das considerações propostas ao leitor. Estancar o

progresso científico e sua comunicação com a prerrogativa da utilização da escrita no impessoal, soa, no mínimo, contraproducente. Se realmente redigir no impessoal é a norma a ser seguida como padrão culto, é necessário que os autores que o defendem esclareçam ao leitor com mais exatidão e informações os reais motivos que beneficiam a comunicação de tal forma.

O fato que não podemos esquecer, é que necessitamos valorizar o trabalho do pesquisador, não apenas na sua apresentação metodológica, mas englobando sua contribuição, principalmente através da análise do seu ponto de vista lógico e racional, suas ponderações e críticas. Somente desta forma, o trabalho árduo realizado pelo profissional pode ser corretamente avaliado junto à comunidade científica.

Oliveira e Vidal (2017, p.335) afirmam a impossibilidade da exclusão do autor do objeto de seu estudo. Para eles, “tanto as motivações quanto a sua capacidade de observação e compreensão quanto, ainda, a sua visão de mundo estão presentes na sua investigação, o que leva a uma visão influenciada pelos significados que ele tem incorporados pelas suas práticas sociais.” (OLIVEIRA e VIDAL, 2017, p.335). O pesquisador é um elemento constituinte dentro da própria pesquisa, e não um ser alheio à sua prática; com isso, sua subjetividade participa do seu processo de análise e conclusão. Isso não o descredencia em suas considerações. Destacam, ainda, que desconsiderar a participação do autor na construção e na autoria de sua ideia, promove um processo de omissão de dado que é, segundo os autores, fundamental e necessário para a análise científica, indo contra o conceito de clareza na exposição das afirmações, abrindo espaço para conceitos e construções dúbias por parte do leitor, como por exemplo, quem analisou?, ou quem concluiu?. Perde-se, com isso, interação entre quem lê e aquele que se prestou a escrever, no caso o pesquisador (OLIVEIRA E VIDAL, 2017, p.334). Segundo Oliveira (2015), a atribuição da impessoalidade determinada pelos teóricos da Metodologia Científica e Redação de trabalhos científicos proporciona um caráter distante e genérico ao texto, despersonalizando o autor do seu trabalho e, também, desfavorecendo o “princípio da autoridade de quem propõe uma solução para o problema investigado” (OLIVEIRA, 2015, p. 4). Na sua visão, a atribuição de autoria ao pesquisador valida todo o esforço realizado em busca de soluções para seus questionamentos, outorgando-lhe responsabilidade e envolvimento com os resultados apresentados, numa clara demonstração de compromisso com o trabalho de pesquisa realizado.

Pela orientação de Oliveira (2015, p.9), torna-se necessário destacar quem é o autor e qual é o seu papel nas conclusões do trabalho científico e durante a pesquisa realizada, principalmente para a valoração das suas opiniões. Somente com esse pensamento é que a ciência pode se desenvolver e o pesquisador contribuir na construção de um saber internacional, dinâmico e disponível, sujeito a constantes mudanças. Ausentar-se dessa responsabilidade limita as opções de sucesso do profissional e sua referenciação junto aos pares, objetivo principal do pesquisador, segundo Volpato (2015).

**A despersonalização do discurso provoca um distanciamento do autor e deixa na penumbra seu próprio compromisso com o resultado.** O texto, hoje, prevê uma interlocução autor-leitor, o autor cobra um envolvimento direto com o seu pensamento, o seu raciocínio. O leitor é trazido para dentro do texto, é partícipe desse texto. (OLIVEIRA, 2015, p. 10, grifo nosso).

É necessário compreender que a essa mudança da personalidade, torna o processo de redação mais dinâmico e interativo, despertando a atenção do leitor para as considerações levantadas e tornando o texto mais aprazível, tanto à leitura como à construção de uma cumplicidade entre autor-leitor, favorecendo a comunicação científica. Para Oliveira (2015, p.17), a personalidade do texto atribui ao autor o princípio de autoridade intelectual, conduzindo o leitor a assumir suas considerações e observações, suas hipóteses e conclusões, ofertando ao autor um forte poder de persuasão e convencimento além do dever de responder pelas considerações apresentadas, não cabendo mais cogitar na sua exclusão e distanciamento durante o processo. Para o autor,

sair da posição distante, [...] que se coloca como observador que apenas relata a pesquisa e os seus resultados, para a posição de agente, [...] direto do processo, imprime ao relato um tom de sinceridade, de fidelidade, de testemunho vivo, que resulta em força de convencimento no processo argumentativo. (OLIVEIRA, 2015, p. 17).

Cabe ao pesquisador esse papel de apresentar suas considerações e posicionamentos, participando ativamente das conclusões do seu trabalho. É descabido imaginar o autor alheio à autoria de sua obra. A Ciência carece desse posicionamento para avançar, afinal de contas é a opinião apresentada e defendida pelo autor que será debatida e analisada junto a sociedade científica, além de tornar o processo mais dinâmico e mais interativo entre o autor e o leitor, facilitando a disseminação do conhecimento.

## 8 DIALÉTICA NEUTRALIDADE X PESSOALIDADE

Demo (2009, p.72) orienta que tanto a orientação de neutralidade como a pessoalidade necessitam seguir os mesmos direcionamentos científicos. O que muda, na concepção do autor é que a ótica da análise sai do objeto pesquisado e passa a ser o ponto de vista do autor. “No fundo, traduzem o mesmo problema, apenas visto de pontos de vista diversificados, mas no mesmo contexto” (DEMO, 2009, p.72). Na ênfase aplicada ao posicionamento do autor, o objeto estudado não pode apresentar neutralidade, devido as relações de identidade apresentadas pelo sujeito e o objeto. Enfatiza que, “a obsessão pela neutralidade acaba eliminando o sujeito no processo de conhecimento” (DEMO, 2009, p.72).

Acreditar numa universidade cientificamente neutra é literalmente “cair no conto do vigário”. **A posição de neutralidade ou é maliciosa, de quem busca aí uma estratégia de aceitação não contestada, ou é ingênua, de quem não percebe o engajamento da neutralidade.** (DEMO, 2009, p.74, grifo nosso).

Para Demo (2009, p. 74) a utilização de ferramentas estatísticas, além da aplicação de ferramentas metodológicas, tais como “as técnicas de coleta e mensuração dos dados, de experimentação, de observação de tratamento empírico” (DEMO, 2009, p.74), foram desenvolvidas e empregadas com o intuito de minimizar o processo de valoração e a subjetividade na pesquisa científica. Com a aplicação de tais recursos, o pesquisador consegue assegurar precisão aos dados estudados e a sua análise com maior segurança, sem que deixe de participar do processo de condução e apresentação das conclusões. O autor sugere a parcimônia para se evitar os extremos, tanto da neutralidade como o da pessoalidade, possibilitando ao pesquisador aplicar um adequado nível de questionamentos e críticas, além de se manter fiel ao contexto em que o objeto está inserido. (DEMO, 2009, p. 75). Segundo o autor “não existe conhecimento ulterior sem conhecimento prévio, sem tradição. Nenhum texto tem em si somente toda sua explicação. [...] As entrelinhas por vezes dizem mais.” (DEMO, 2009, p. 75). É necessário considerar o contexto do pesquisador durante toda a análise do seu objeto de pesquisa, pois é desse embate (subjetivo *versus* objetivo) é que novas considerações são apresentadas e novos conceitos criados.

Para o pesquisador Almeida Junior (2016), é impossível negligenciar que a subjetividade faz parte do processo científico, além de considerar utópico considerar uma prática isenta de qualquer conotação pessoal por parte do cientista. Cabe aos discentes e pesquisadores, otimizar a qualidade da redação dos textos científicos, buscando criar no seu leitor o aspecto de empatia e interesse para que, com isso, consiga persuadi-lo de seu ponto de vista e que suas considerações possam ser debatidas e aceitas ou até mesmo rejeitadas. Na visão do autor,

O distanciamento deve ser buscado, mas com a consciência de que **nunca será alcançado**. Não é ele possível de ser atingido em sua totalidade, em sua plenitude. **A relação do pesquisador com o tema de interesse em um componente de simpatia, de empatia**. Basta este aspecto para que fique clara a inviabilidade do distanciamento entre pesquisador e tema de interesse. Mesmo desejando, os vínculos são inconscientes e, dessa forma, difíceis de serem detectados e excluídos. (ALMEIDA JUNIOR, 2016, p.122, grifo nosso).

Na visão de Oliveira (2015), assumindo-se a postura de neutralidade, prejudica-se o poder de convencimento que sustenta a relação autor-leitor, já que o principal objetivo do autor é que suas ideias sejam aceitas e compartilhadas por ele e seus pares. Torna-se cada vez mais necessário envolver o leitor no processo de construção compartilhada do saber, sem dogmatismos e formalismos que entorpeçam a interação entre os envolvidos, sem a perda de qualidade no material apresentado e dentro dos padrões recomendados pela Ciência Internacional.

Na concepção de Matias-Pereira (2012), a neutralidade do pesquisador deve imperar, principalmente para que “verdade” (p.60) possa surgir por si própria, de modo natural e espontâneo.

A importância do papel do pesquisador se solidifica no decorrer das etapas do processo de investigação. Isso se dá a cada passo: desde a escolha do tema, a definição da forma de problematizá-lo, os instrumentos e métodos a serem utilizados, até a seleção dos autores e dos documentos que servirão como arcabouço teórico e a linguagem a ser adotada na elaboração final do relatório. (MATIAS-PEREIRA, 2012, p.60).

Uma crítica ao posicionamento do autor pode ser levantada, através da análise do fragmento exposto acima, que seria a ausência do pesquisador nas considerações sobre seu trabalho de pesquisa. Todas as etapas apresentadas por Matias-Pereira são extremamente relevantes e necessárias, oferecendo subsídios para que pesquisador possa contribuir de forma criativa e racional com sua interpretação dos

dados, oferecendo novas opiniões para o desenvolvimento científico. Ao lançar luz apenas à coleta, tratamento e apresentação de dados, não se promove avanços significativos para mudanças de paradigmas, tão necessário para o desenvolvimento científico e da humanidade. É com uma percepção e participação ativa que o pesquisador contribui para a discussão e avanço da própria Ciência.

Perrot e Soudière (1994, apud BIAZUS, 2015), destacam o papel de autoria do pesquisador, sendo um agente participativo do processo de construção do conhecimento, além de responsável pela defesa de seus resultados e sua opinião diante do meio acadêmico e científico, contrapondo com os pressupostos exigidos de neutralidade e isenção do autor, apresentados nos manuais de metodologia científica.

Na concepção de Biazus (2015), “a verdade perseguida pela ciência nada mais é que **um recorte da realidade feito a partir do olhar desse sujeito-pesquisador-autor**”. (BIAZUS, 2015, p.221, grifo nosso). Para a autora, esse recorte possibilita uma análise individual de uma dada realidade, dentro de um multiverso de possibilidades de observação e descrição dessa mesma verdade, sem que com isso se esgote as variantes de explicação, nem as diversas perspectivas que possam ser adotadas. Ainda segundo a autora, “é a partir desse sujeito que o objeto é retirado do mundo empírico e colocado no mundo real do conhecimento, produzindo verdades.” (BIAZUS, 2015, p.221). Vê-se cada vez mais o caráter dinâmico e inacabado da verdade, contrastando com a rigidez de pensamento referente a ela, preconizada pelos filósofos racionalistas e positivistas do início dos séculos XVI e XVII. É justamente essa disposição do inacabado que motiva e instiga o pesquisador a encontrar novas soluções para antigos questionamentos; muitas vezes um novo olhar sobre o mesmo problema traz considerações revolucionárias para o desenvolvimento e progresso da ciência. Para que isso ocorra é necessário que o pesquisador tome posse da sua verdade e que seja capaz de expô-la e defendê-la, utilizando argumentos lógicos e racionais. É através desse posicionamento, principalmente na etapa da redação científica, que o pesquisador oferece informações de como ele abordou o tema estudado, qual sua forma de acesso àquela realidade que é agora apresentada, deixando suas impressões e opiniões para elucidar e convencer o leitor sobre o seu fazer, deixando sua marca no processo de comunicação científica. Segundo Foucault (2009, apud BIAZUS 2015), “a produção do conhecimento científico estaria na ordem de uma “verdade-ficção”, pois o real está aberto a uma multiplicidade de olhares, sentidos e memórias” (p.231). Seguindo o pensamento de Foucault, não

é possível a ocorrência de uma verdade universal e perene, muito menos uma neutralidade e imparcialidade ao acesso e descrição de tal verdade, cabendo ao pesquisador atribuir valores e condições para que o leitor possa compartilhar de um mesmo ponto vista e juntos experienciar da realidade que é oferecida e comungada pelo trabalho de pesquisa.

Oliveira (2015, p.7) é categórico ao afirmar que “a construção impessoal é (...) uma estratégia retórica de transferir, de um agente humano (o autor) para os dados factuais, a responsabilidade dos resultados”. Para o autor, não existe a possibilidade de se pesquisar sem um objetivo predeterminado. Existe sim uma preocupação com os resultados, mas não se deve esquecer da participação do leitor, e do papel fundamental de convencimento desse por parte do autor, no que se refere a explicação e defesa dos resultados. Nessa visão, fica clara a impossibilidade da conciliação da impessoalidade e neutralidade no discurso científico. Agregando a discussão, o autor traz à baila o pensamento de Coracini, (2007, p.122), em que a autora destaca a presença do pesquisador no processo de pesquisa, sendo que o mesmo se envolve desde a seleção sobre o assunto a ser trabalhado, a metodologia a ser utilizada para análise dos dados, antes mesmo da materialização da redação científica propriamente dita. Diante de tal posição, é inquestionável o papel do pesquisador como autor e responsável direto pelas considerações de seu trabalho de pesquisa.

Na visão de Azevedo (2001, p.102) o texto científico apresenta para o pesquisador funções principais, tais como a necessidade de comunicar seus pensamentos e ideias, além de servir como forma de persuasão e instrumento de convencimento, provocando o leitor a interagir com o discurso, de forma inteligente e prazerosa.

Um texto – e isto é ou deveria ser especialmente verdadeiro para todos os de natureza acadêmica – é o campo onde o autor e leitor se unem para um jogo contra as forças da confusão. **O conhecimento científico está voltado para a interpretação e transformação da realidade. Toda interpretação é um esforço para ordenar o caos.** O texto é o estágio final deste processo. A partir daí o que vier a ocorrer independente dele, embora ter nascido da leitura. (AZEVEDO, 2011, p. 102, grifo nosso).

Pode-se perceber a importância dada para o papel do pesquisador enquanto agente de transformação da realidade em que está inserido, além do caráter dinâmico e maleável que se apresenta a realidade. É necessário dispor de senso crítico para compreender que estabelecer limites exatos e fixos para a realidade prejudica o

próprio processo de conhecer e interagir com o meio, tornando estéril qualquer tipo de desenvolvimento. Torna-se responsabilidade principal do autor, trabalhar dentro dos preceitos científicos preestabelecidos, porém tendo a sensibilidade de apresentar um texto envolvente e prazeroso, buscando despertar o interesse do leitor durante a leitura e evitando-se que a prática se torne cansativa e desinteressada.

## 9 CONSIDERAÇÕES

Nesse processo de reflexão sobre autoria e da personalidade do autor na comunicação científica, é relevante que o leitor analise o quão profundo e complexo é a possibilidade de alteração desse panorama. Não basta achar que apenas alterando a personalidade da escrita o problema da comunicação científica estará resolvido. A alteração do paradigma com relação à escrita também está vinculado com uma profunda análise do próprio sistema de fomento à pesquisa realizado pelo Ministério da Educação que, devido aos cortes e ao congelamento nos investimentos na Educação Superior e Pesquisa realizados no governo Michel Temer e no do atual Presidente Jair Messias Bolsonaro, tendem a prejudicar ainda mais a possibilidade de incentivar o pesquisador a extrapolar o padrão vigente. Caberá ao pesquisador adotar uma postura cada vez mais corajosa para superar essas adversidades e encontrar o seu espaço, contribuindo com tanto com a Ciência, como com o desenvolvimento do país.

Almeida Junior atribui importância e relevância à análise do conhecimento e ao seu processo dinâmico de construção e reconstrução, mediante sua interação com o meio e seus agentes constituintes.

[...] o conhecimento atual não é decorrência de uma ação natural da história. Pelo contrário, **o atual estágio do saber foi construído a partir de embates, lutas travadas na arena da história. A busca pelo poder; a procura pela afirmação e aceitação universal de interesses particulares; a tentativa de impor um modo de pensar; a manutenção de sistemas econômicos que reproduzem a visão e os interesses dos opressores, entre outras, são razões que determinaram o estágio atual da ciência e do conhecimento humano.** (ALMEIDA JUNIOR, 2016, p.124, grifo nosso).

O que fica evidente, nesta passagem, é o caráter relacional entre a construção do conhecimento por parte do cientista e sua interação com o seu meio, modificando-o como ser humano e como enxerga o mundo que pesquisa e analisa. Esse

dinamismo é que exige do pesquisador um posicionamento sobre suas considerações científicas, mesmo que tais considerações sejam momentâneas e sujeitas a contestação. É o olhar do autor, seu ponto de vista, suas observações e considerações, que tornam o processo de fazer ciência também dinâmico e passível de evolução.

É importante que a análise da utilização ou não da personalidade na redação de trabalhos científicos não se restrinja apenas as considerações impostas pelos manuais de metodologia científica, disponíveis para acesso e consulta. Por mais que a Instituição de Ensino Superior tenha suas preferências e seus professores comunguem desses preceitos, é necessário abordar, com integridade e dando-se a devida importância, a possibilidade da redação tanto no pessoal como no impessoal, explicitando quais as vantagens e desvantagens de tais posicionamentos. É também importante considerarmos que muitos dos estudantes que hoje ingressam (e os já ingressados) no Ensino Superior demonstrarão interesse e aptidão para prosseguir na carreira acadêmica, sendo necessário salientar e ampliar os horizontes desses futuros pesquisadores e cientistas, reforçando a importância da participação da ciência praticada e produzida por eles, num cenário mais amplo, competitivo e internacional.

Diante de toda a argumentação apresentada no decorrer desse artigo, sustentada pela opinião dos autores que elucidam e escolhem pela utilização da personalidade na redação científica, reforça-se a importância do pesquisador como autor e proprietário intelectual de sua obra, afirmando suas considerações, dando voz às suas considerações e conclusões. Só assim o profissional estará caminhando em direção a uma Ciência de qualidade, estimulando o pensamento crítico e analítico do leitor, e deixando sua contribuição para a sociedade. Dar voz ao pesquisador valida seu esforço e dedicação, contribuindo com a discussão e o desenvolvimento científico internacional, além de o credenciar a ser uma fonte de referência para outros colegas pesquisadores, favorecendo o processo de universalização do saber e o conhecimento. Escrever no pessoal está de acordo com a Ciência Internacional Contemporânea. Não se sinta constrangido em seguir essa determinação! Esteja preparado para surpreender o seu leitor com um embasamento sólido, coerente e assertivo sobre o tema estudado, e inseri-lo no processo de consideração e promoção do conhecimento.

É preciso salientar que o emprego da pessoalização na construção da redação científica, em nenhum momento visa dar destaque ao pesquisador em detrimento ao objeto analisado; visa, sim, construir novos modos de pensar e trabalhar sobre a realidade pesquisada. Para tanto o pesquisador necessita desenvolver um grande esforço de conhecer bem sua realidade, além de aperfeiçoar o senso crítico, ferramenta imprescindível para contextualizar e discernir o que é essencial daquilo que não é, responsabilidade para defender seu ponto de vista, e humildade para reconhecer que a busca pela verdade é um processo, que se dá no dia-a-dia da sua prática e que um ponto de vista não desconsidera nem abrange a totalidade daquilo que se observa no particular. Atuando dessa maneira estará contribuindo para que a Ciência apresente saltos qualitativos e que possam beneficiar o maior número de pessoas possíveis.

É interessante analisar que o recorte “voz da linguagem científica” pode trazer contribuições importantes para a forma como a disciplina Metodologia Científica é hoje apresentada e trabalhada. É preciso que o tema seja mais explorado e debatido para que, no futuro, o modelo possa ser mais bem adequado às condições contemporâneas que o meio científico está inserido. Redigir em primeira pessoa não é a solução para os problemas de baixa qualidade científica apresentados pela pesquisa brasileira; porém, é um meio eficiente de possibilitar mudanças no modelo empregado atualmente, alterando paradigma, esclarecendo o verdadeiro papel do pesquisador como ator fundamental para compreensão da sua realidade.

Como consideração e sugestão final, sugere-se que o tema “pessoalização no discurso científico” seja analisado dentro da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico da Faculdade Católica de Anápolis, Goiás, com o intuito de oferecer aos estudantes mais informações e subsídios para que os mesmos possam elaborar seus trabalhos de uma forma diferenciada, e que possam compreender a dinâmica que existe hoje com relação à pesquisas científicas de grande impacto internacional, ampliando a percepção sobre o que é fazer Ciência e sua importância.

Cabe salientar que, embora o tema apresentado seja a utilização da pessoalização no processo de redação científica e a sua relevância para otimizar a comunicação entre pesquisador e leitor, optou-se pela impessoalidade na condução e elaboração deste artigo, em consonância com as determinações exigidas pela Instituição de Ensino Superior para a qual o trabalho foi apresentado.

## 10 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Janaína Rabelo Cunha Ferreira de; MIRANDA, Maíra Avelar. **O uso de pronomes de primeira pessoa em artigos acadêmicos**: uma abordagem baseada em corpus. Revista Veredas, v. 13, n. 2, 2009.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **O Texto na Pesquisa Científica**: notas a partir de uma experiência. Informação em Pauta, v. 1, n. 1, 2016, p.118-134.
- AMERICAN INSTITUTE OF PHYSICS. PUBLICATION BOARD. **AIP style manual**. Manual de publicação da American Institute Of Physics, Nova Iorque, 1990, p.65.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2010. p.89-90.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **O Prazer da Produção Científica**: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 11ª ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 102-103.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BLAZUS, Camilla Baldicera. **O ser autor**: deslocamentos entre a escrita científica e a escritura de si. Estudos da Língua(gem), v.12, n.2, 2014.  
Disponível em:  
<<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/articloe/view/403>>. Acesso em: 26 fev. 2019.
- DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia Científica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas. 2009. p. 72-75.
- FERREIRA, Gonzaga. **Redação científica**: como entender e escrever com facilidade. São Paulo: Atlas, v.5, 2011.
- FIGUEIREDO, Antônio Macena de; SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**: da redação científica à apresentação do texto final. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011. p- 50-51.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas.2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas. 2016. p. 297.
- LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de Metodologia Científica**. Petrópolis: Vozes. 2009. p- 26-28.
- MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. 3ªed. rev. e atual. São Paulo: Atlas. 2012. p- 60-63.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: A Prática de Fichamentos, Resumos Resenhas. 11ª ed. São Paulo: Atlas. 2010, p. 195-196.

MORAES, Fernando Tadeu. **Brasil aumenta produção científica, mas impacto dos trabalhos diminui.** Jornal Folha de São Paulo: caderno Ciência, São Paulo, 16 out. 2017. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1927163-brasil-aumenta-producao-cientifica-mas-impacto-dos-trabalhos-diminui.shtml>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. **As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria.** Pedagogia em Ação, v.6, n.1, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9182>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

OLIVEIRA, Paulo de Tarso; VIDAL, Maria Eunice Barbosa. **O mito da Neutralidade Científica e o Uso da Linguagem Impessoal.** CIAIQ2017, ATAS - Investigação Qualitativa em Educação, v.1, 2017. Disponível em: < <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1350>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

RAMOS, Albenides. **Metologia da Pesquisa Científica:** Como uma monografia pode abrir o horizonte do conhecimento. São Paulo: Atlas. 2009.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Batista. **Metodologia de Pesquisa.** 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 361.

SANTOS, Pedro Antônio; KIENEN, Nádia; CASTAÑEIRA, Maria Inés. **Metodologia da Pesquisa Social:** da proposição de um problema à redação e apresentação do relatório. São Paulo: Atlas. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez. 2016. p. 317.

VOLPATO, Gilson Luiz. **O método lógico para redação científica.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/932/1577>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Ciência:** da filosofia à publicação. 6ª edição. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 377.